

Ventura, o Fatalista e a classe inadequada¹

*Olavo Ximenes*²

A editora Âyiné, com tradução de Vinícius Nicastro Honesko, presenteou, em 2022, o público brasileiro com o livro *Teoria da Classe Inadequada* (originalmente de 2017) do jovem autor Raffaele Alberto Ventura (1983). Antes de começarmos, é de bom tom afastar um possível equívoco. Embora no título do livro conste "teoria", na verdade, temos diante de nós um longo ensaio argumentativo dividido em seis capítulos, uma "premissa" e um epílogo — e não exatamente um livro conforme o molde acadêmico ou disciplinar. Evidentemente não prestar homenagens às práticas acadêmicas não consiste em nenhum demérito.

Formulando ou não uma teoria, o fato é que esse livro passeia entre inúmeros autores de Ernst Mandel a Peter Turchin, de Veblen a Marx, e atravessa inúmeras discussões (p. ex, sobre o trabalho improdutivo), flertando até mesmo com um esquema de filosofia da história ("os cinco estágios do colapso", seção do capítulo 2). Ventura lança exemplos que vão de Zola a Shakespeare, passando por Michel Houellebecq e acabando em Kafka e Tchekhov — procedimento que parece estar em voga, qual seja, se valer da literatura (passim) ou de filmes (p. 107ss) para apoiar um argumento.³

¹ Agradeço a Bruno Carvalho por ter me chamado a atenção ao livro de Raffaele Alberto Ventura, e agradeço a Monique Borin não só pelas conversas sobre este livro, mas também pela leitura inicial deste texto.

² Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com período sanduíche em Freie Universität Berlin, Alemanha. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4552-3588>. E-mail: oaaximenes@gmail.com.

³ Confira, por exemplo, Scheurman (2019, p. 407) ao analisar o uso argumentativo de Axel Honneth de filmes e romances.

No fundo, a pergunta que deveria nortear a leitura do livro é a seguinte: qual é a estrutura econômica (mais do que social) que torna possível o desclassamento que a *teoria da classe inadequada* busca situar. Um dos problemas do livro, diga-se, é exatamente a falta de especificidade do conceito, que ora parece descrever um fenômeno amplo de descenso social ora parece se limitar a uma parcela da população mais educada ou formalmente instruída para qual não há mais emprego.

Uma das teses do livro consiste em defender que não se pode mais falar de crise no capitalismo, pois seu funcionamento normal atual já consiste em uma crise permanente. Tal tese, longe de ser apenas descritiva, convida, infelizmente, a um imobilismo. Inclusive há um problema político estrutural no livro que se torna patente no tom quase fatalista das descrições de Ventura do processo de desclassamento. Por exemplo, após folhear páginas e mais páginas carregadas com descrições literariamente impactantes da desfortuna da classe inadequada, o leitor ou a leitora não pode deixar de se lembrar que o próprio neoliberalismo produziu uma cartilha de possíveis remédios aos problemas ali inumerados, sendo um deles a renda universal incondicional⁴. Nesse sentido, na cartilha (neo)liberal, não se trataria nem de voltar ao Estado de Bem-Estar Social nem de aderir ao fatalismo, mas de procurar soluções políticas à mão. Outra ordem de questões, mais difíceis de aprofundar, consiste no fato de que as descrições do livro provavelmente são válidas, em algum nível, ao Norte Global; sendo, portanto, difícil de aplicar a países — como, por exemplo, o Brasil — que não conseguiram generalizar o Estado de Bem-Estar Social e nem produziram em massa uma classe média instruída nos moldes do livro.

De todo modo, o fulcro da crítica de Ventura já parece no capítulo 1, *A câmara escura*, e pode ser resumido como o abismo entre "identidade social percebida e recursos disponíveis" (p. 23). Ao longo desse mesmo capítulo é difícil discernir o que torna a classe inadequada um conceito típico do capitalismo (ou, antes, seria um

⁴ Cf. Van Parijs (2014).

fenômeno generalizável?) e, mais precisamente, se com essa noção Ventura só pretende *descrever* um aspecto da realidade. Ao se deter, com inegável talento literário, a descrever os impasses dessa classe inadequada do Norte Global, Ventura acaba, involuntariamente, não tomando a distância necessária para indicar quais caminhos possíveis estão disponíveis.⁵

Voltando ao conceito que dá título ao livro, sua ambiguidade aparece e vai se transformando ao longo do livro inteiro. Ora, ainda no primeiro capítulo, o conceito se refere à "experiência disfórica da mobilidade descendente" (p. 22) de um "amplo espectro de casos humanos" (ou seja, para além da classe média Europeia intelectualizada, e para além desta época atual) ora Ventura *define* a classe inadequada a partir de dois sentimentos atuais: o ressentimento e a ambição (p. 34). No segundo capítulo, ao igualar a cultura com o consumo improdutivo, Ventura (p. 71-2) vai definir a classe inadequada como aquela que não pode mais ser sustentada em seu consumo improdutivo. Já no capítulo 3, a classe inadequada é igualada a um "estrato médio" (p. 130). E aqui, caberia uma pergunta metodológica: o ponto de vista de Ventura é daquele do capital? Em sendo sistêmico, ele toma partido desse sistema, e, conseqüentemente, deixa de vislumbrar frestas emancipatórias? O auge dos paradoxos do conceito de Ventura se expressa algumas páginas antes de acabar o primeiro capítulo:

 Todavia, assim como os senhores, vemos as relações sociais invertidas dentro da câmara escura da ideologia. É do lado dos oprimidos que nos vemos, mas talvez não sejamos nada além de opressores falidos. Reivindicamos direitos, mas não nos damos conta de que são privilégios. Militamos à esquerda, mas nosso partido é o status quo. Nosso fetiche se chama "Cultura": um engenhoso expediente que serve para externalizar para toda a sociedade, com

⁵ Mesmo porque falar de miséria relativa (p. 23) para definir a classe inadequada não parece descrever bem a dinâmica social de um país como o Brasil que ainda produz rincões de miséria.

financiamentos e subvenções, o custo dos consumos ostentatórios de uma espécie de classe. Ler um bom livro? Cultura. Encher nossas casas de preciosos enfeites? Cultura. Escutar uma orquestra de cinquenta elementos, sentado num esplêndido palácio do século XVII? Cultura. Voar *low cost* para outra parte do mundo? Cultura. Ir ao restaurante para degustar a enguia marinada tradicional dos Vales de Comacchio, com a aprovação de Carlo Petrini? Ainda Cultura. Quanta ideologia numa só palavra, e quanta astúcia nesse estratégia! (p. 45)

No fim, a pergunta é o quão politicamente propositivo pode ser o livro, ou até mesmo conservador? Ventura se esquece, como já mencionei acima, do próprio repertório liberal de renda incondicional⁶. Certamente, como o autor menciona ao longo do texto, estudar, se formar, consumir e produzir cultura custam recursos que provavelmente são gerados em outros lugares.⁷

E, por outro lado, não se trata, na verdade, de estender o melhor da cultura burguesa para o conjunto da sociedade? Exatamente o oposto do que o trecho acima parece deixar implícito.

⁶ INTERNATIONAL MONETARY FUND. "What is Universal Basic Income?" Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/fandd/issues/2018/12/what-is-universal-basic-income-basics>. Acesso em: 12 out. 2023.

⁷ Mesmo autores mais ou menos consagrados ou lutam para sobreviver ou dependem da renda de outras pessoas. Confira, por exemplo, a vaquinha que José Falero fez para terminar sua casa ou a confissão de Ann Bauer, como Ventura menciona, sobre depender em parte do salário do esposo. RASCUNHO – JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL. "Escritor José Falero faz 'vaquinha' para terminar casa". Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/escritor-jose-falero-faz-vaquinha-para-terminar-casa>. Acesso em: 23 out. 2023.

SALON. "'Sponsored' by my husband: Why it's a problem that writers never talk about where their money comes from". Disponível em: https://www.salon.com/2015/01/25/sponsored_by_my_husband_why_its_a_problem_that_writers_never_talk_about_where_their_money_comes_from/. Acesso em: 23 out. 2023.

Para colocar do modo clássico: a tarefa histórica dos movimentos de esquerda não é exatamente realizar os ideais burgueses na sociedade emancipada?

No capítulo 2, *Ascensão e declínio da classe consumidora*, Ventura apresenta o diagnóstico de que a noção de crise não pode mais ser invocada para descrever uma situação permanente (p. 53). Ao longo do livro, e sempre a partir do ponto de vista sistêmico, Ventura deixa de lado soluções políticas. Afinal, o salário (p. 87) ou a superpopulação relativa poderiam ser temas a serem discutidos e resolvidos na *esfera pública*.

Enquanto no capítulo seguinte, *A comédia da dívida*, o pressuposto de fundo é que a sociedade atual tem uma "incapacidade estrutural" de "produzir riquezas". Ficamos no entanto sem saber se Ventura se refere a valor ou a riqueza efetiva⁸. Seja como for, um dos *insights* mais corretos do livro certamente é o que indica o esgotamento atual:

Ironia da história, grande parte dos anticapitalistas que hoje falam de "pensamento único" neoliberal não conseguem imaginar nada fora do capitalismo monopolista de Estado de matriz keynesiana. Esquerda e direita, aliás, por meio século dividiram os papéis: o policial bom se ocupava de fazer a pergunta (incitando o Estado a tomar a mais-valia e dirigi-la mais uma vez ao consumo) enquanto o policial mau tornava mais atrativa a oferta (baixando o custo do trabalho) (p. 113)

Então, naturalmente, ao tomar a classe inadequada como uma expressão de um esgotamento atual, de um excedente que não pode mais consumir ou ser consumido, a opção que resta, após a dilapidação do próprio patrimônio familiar, é o pauperismo. A história, tal como Ventura conta, é convincente e bem amarrada. Mas, por isso mesmo, unidimensional.

⁸ Cf. Postone (2003).

O capítulo 4, *User generated culture*, inaugura uma nova frente de investigação, a da indústria cultural, aqui mais uma vez, Ventura apresenta esquematicamente e de forma parcialmente correta diversos autores, particularmente, vale mencionar, Adorno e Horkheimer da *Dialética do Esclarecimento*. De qualquer maneira, o cerne deste capítulo consiste na tese de que ocorreu uma *mudança estrutural* ou, nas palavras do autor, uma "radical transformação da indústria cultural" (p. 157-8), que passou de uma indústria de massa para uma sociedade de massa, isto é, para uma indústria de nichos, formando um "mercado fragmentado". Essa fragmentação é o outro lado de uma outra tese: "Trabalhador e consumidor definitivamente se fundiram numa nova criatura, o prosumidor cultural" (p. 167).

Há um outro problema de fundo na concepção deste livro que o capítulo 5, *O Dilema do* (sic) Boa-Vida, faz surgir. O tom geral fatalista do livro tem por base a noção de que o emprego ou o trabalho, por pior que seja, é ainda uma garantia de cidadania e de sobrevivência (mesmo que alguém dos desejos e anseios do indivíduo); e que, mesmo sendo uma garantia de sustento material, o integrante da classe inadequada é incapaz de aceitar um trabalho *mediocre*. Contudo, vale lembrar que ter um emprego deixou de ser uma garantia para a reprodução social.⁹ O problema

⁹ Um exemplo cabal: funcionários do Walmart e do McDonald's nos EUA dependem de ajuda governamental para sobreviver. Outro exemplo é a atual disseminação do trabalho infantil de imigrantes em empregos perigosos. Em suma, ter emprego não é mais garantia de absolutamente nada. Para mais informações, consultar:

CNBC. "Walmart and McDonald's are among top employers of Medicaid and food stamp beneficiaries, report says". Disponível em: <https://www.cnbc.com/2020/11/19/walmart-and-mcdonalds-among-top-employers-of-medicaid-and-food-stamp-beneficiaries.html>. Acesso em: 17 jan. 2024.

THE NEW YORK TIMES. "Walmart's Visible Hand". Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/03/02/opinion/paul-krugman-walmarts-visible-hand.html>. Acesso em: 17 jan. 2024.

THE NEW YORK TIMES. "Working, but Needing Public Assistance Anyway". Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/04/13/business/eco>

não é tanto alguém com doutorado¹⁰ não querer trabalhar no supermercado; mas, antes de tudo, é que esse tipo de trabalho, desde já, não é mais capaz de garantir um nível de vida que também não dependa da mão invisível do Estado. O livro inteiro de Ventura mescla de forma um pouco confusa diferentes níveis de análise: estrutura e ação, pessoal e social, estrutura de emprego e emprego realmente disponível.

Em paralelo à discussão do emprego, Ventura (p. 186) argumenta que o sistema educacional falha em gerar riqueza e que, no limite, pode ser considerado um consumo improdutivo de recursos.¹¹ O cerne racional da argumentação de Ventura

nomy/working-but-needing-public-assistance-anyway.html Acesso em: 17 jan. 2024.

THE HIGH PUBLIC COST OF LOW WAGES. In: UC BERKELEY LABOR CENTER. [s. d.]. Disponível em: <https://laborcenter.berkeley.edu/the-high-public-cost-of-low-wages/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

¹⁰ O que torna toda essa consideração no mínimo problemática: "Na grande confusão ideológica que reina, podemos, portanto, ver as praças ocidentais se encherem *primeiro* com jovens de vinte anos que reclamam financiamentos públicos por sofisticadíssimas formações, e, *na sequência*, alguns anos depois, de adultos de trinta anos que reivindicam o direito a uma inserção profissional à altura de sua educação. Está implícita uma forma de desprezo de classe: eu tenho um mestrado em Cooperação para o Desenvolvimento e por certo não vou trabalhar no supermercado". (p. 179-180). Em seguida, Ventura flerta com a noção que existiria "estudar demais": "O aumento da duração dos estudos e do gasto com educação é geralmente interpretado como um "progresso": porém, mais uma vez, não está claro até que ponto será possível considerar "suficiente" a instrução do cidadão". (p. 180)

¹¹ Se pode ser verdade, em alguma medida, que a educação é financiada principalmente pelo Estado no Norte Global, a situação é um pouco diferente no Brasil, na qual boa parte dos pesquisadores, mesmo os bolsistas, ainda dependem de recursos familiares. Em outro momento, Ventura (p. 204) levanta a inusitada hipótese de que "a instrução obrigatória é sobretudo um sistema *contraceptivo* para as classes populares". Para mais informações, consultar: JORNAL DA USP. "Nos países desenvolvidos, o dinheiro que financia a ciência na universidade é público". Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/nos-paises-desenvolvidos-o-dinheiro-que-financia-a-ciencia-e->

(particularmente pp. 200-1) é que o problema da educação é antes de tudo o problema da inserção social. De qualquer modo, isso também se reflete na eterna discussão aqui no Brasil sobre o ensino técnico como o salvador da produtividade da mão de obra (considerada baixa).¹²

A conclusão lógica do crescendo argumentativo é que a classe inadequada deve ser eliminada, suprimida ou ter seu número controlado. Eis o tema do capítulo 6, *O tempo da anomia*. Ventura parte do princípio de que o sistema e a estrutura social são dados e impassíveis de sofrerem mudanças ou reorganizações. A classe "inadequada" não pode se organizar nem unir esforços para demandar que as regras do jogo mudem. Logo, as saídas são claras, de acordo com o autor (p. 212): mudar de classe (sair da classe atual); emigrar; o suicídio; ou guerras¹³.

Ao final do livro o fatalismo fica cada vez mais claro. Onde Ventura vislumbra um fato implacável que aponta para os limites de status e de igualdade social, Postone e Marx (o famoso *general intellect* dos *Grundrisse*) apostam como a base para o socialismo:

publico/. Acesso em: 12 out. 2023.

GALILEU. "A ciência no Brasil é bancada pelos pais". Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/07/ciencia-no-brasil-e-bancada-pelos-pais.html>. Acesso em: 12 out. 2023.

¹² Pensar que até 2014 existiu um debate se haveria uma escassez de engenheiros no Brasil. Para uma sistematização deste debate, cf. Lins et al. (2014). Este artigo acaba de forma profética: "o problema maior é não ter engenheiros e ter uma economia que pouco necessite deles." (Lins et al., 2014, p. 65)

¹³ Um outro problema não tematizado ao longo do livro é a identificação de vida boa com status, e status com condições dignas de existência: o autor confunde *busca por status* com condições dignas de existência: "Por causa dos limites sociais do desenvolvimento, o acesso ao status só pode ser desigual" (p. 215). Essa visão do status, misturada com condição de existência, é a forma de Ventura naturalizar a economia capitalista: "Por causa dos limites sociais do desenvolvimento, o acesso ao status só pode ser desigual". (p. 215). Seja como for, a imagem de que a classe inadequada é uma espécie de "Rambo [o personagem do filme] do intelecto" é interessante.

A divisão industrial do trabalho, que hoje é chamada "automação", reduz progressivamente o número de sujeitos necessários para obter o mesmo *output* produtivo e com frequência piora as condições de trabalho. (p. 214).

Dito de outra forma, o autor internaliza os limites inerentes (capitalistas) ao desenvolvimento, em uma chave completamente pessimista, e, deste modo, ele confunde *status* com luta por uma existência digna.

*

Levando em consideração o conjunto da obra, lida com os olhos certos, o livro de Rafaelle Alberto Ventura é uma descrição interessante — e por certo competente literariamente — do mal-estar social difuso no Norte Global. Neste enquadramento, o livro vale uma leitura.

Referências

LINS, L. M. *et al.* Escassez de engenheiros no Brasil? uma proposta de sistematização do debate. **Novos Estudos - CEBRAP**, [s. l.], n. 98, p. 43–67, 2014.

POSTONE, M. **Time, labor, and social domination: a reinterpretation of Marx's critical theory**. Reprinted with corrections. Cambridge New York Melbourne Madrid Cape Town: Cambridge University Press, 2003.

SCHEUERMAN, William E. "A teoria crítica frankfurtiana recente: Aversão ao direito?". Trad. Bianca Tavolari. **Dissonância: Revista de Teoria Crítica**, v. 3, n. 1, Dossiê Desobediência Civil, Campinas, 1º Semestre de 2019, p. 384-436.

VAN PARIJS, P. Por que os surfistas devem ser alimentados: o argumento liberal em defesa de uma renda básica incondicional. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [s. l.], n. 15, p. 229–269, 2014.

VENTURA, R. A. **Teoria da classe inadequada**. Belo Horizonte, MG: Editora Âyiné, 2022.